

ORALIDADE E RESISTÊNCIA: A LITERATURA COMO LUGAR DA “MEMÓRIA CULTURAL” NO ROMANCE *TEXACO*

*Livia Maria da Costa Carvalho**

RESUMO: O presente trabalho se estrutura através de uma análise do romance *Texaco*, do escritor Patrick Chamoiseau. Pensamos, através de imbricações entre memória, oralidade e território, como a identidade cultural da Martinica está disposta e expressa em *Texaco*. Sendo a Martinica um país que viveu a colonização europeia e teve a escravização negra africana em sua formação cultural, encontram-se neste trabalho leituras sobre o imaginário problemático e conflituoso decorrente da dura escravização colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Martinica; Memória; Texaco.

O que é a memória?
É a cola, é o espírito, é a seiva, e fica.
Sem memórias, nada de Cidade, nada
de Bairros, nada de casa-grande
(CHAMOISEAU, 1993, p. 161).

Introdução

Pensar a identidade cultural de um povo é pensá-lo através dos elementos que o constituem enquanto sujeitos em um lugar e no tempo, sejam tais elementos naturalmente instaurados como reais, ou ainda, de natureza simbólica e carregados de representação.

* Professora do quadro provisório na Universidade Estadual do Maranhão (Uem) - Campus Colinas. Mestra e doutoranda em Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Cabe, portanto, aos que se interessam pelo assunto e aos estudiosos em cultura, entenderem de que maneira tais elementos se apresentam e quais as suas resultantes. Deste modo, a identidade cultural é pensada através de uma perspectiva histórica e social, e o seu estudo se desenvolverá em torno de conceitos que apontarão para o modo como as constituições dos sujeitos, em suas individualidades, contribuem para a formação de um todo coletivo que será resultado de longos processos. As interferências, portanto, estarão em uma via de mão dupla, onde o individual contribui para a constituição do coletivo, e este coletivo também implicará na formação de um eu individual.

Neste sentido, a abordagem das questões em torno da identidade tem como viés principal um sujeito que não se concentra mais em poderes absolutos, não está mais voltado para o Uno, haja vista a sua possibilidade de negociação com o Outro. Tratamos então neste momento de construções que acontecem a partir de rompimentos, de fragmentações e da pulverização de uma identidade que se idealizava única e absoluta, e que agora já não voga mais, pois suas estruturas rígidas tiveram de ceder às intervenções e deram resulta ao que Stuart Hall denomina sujeito fragmentado.

O texto aqui apresentado é uma análise do romance *Texaco*, que observa os “rastros/resíduos” (Glissant, 2005) da memória cultural martiniquense. Pretende-se apontar de que forma e com quais resultantes ela contribui para a criação do imaginário coletivo e para a formação da identidade cultural da Martinica.

Tratando das imbricações entre memória e oralidade, *Texaco* faz da literatura um lugar onde o homem pode reestabelecer, dentre outras coisas, a sua vivência com o espaço e o meio ambiente, com o território e o sentimento de pertencer a ele, não de maneira enraizada, como parece nos levar a pensar o pertencimento, mas rizomaticamente, dando lugar ao pensamento de si e ao pensamento do outro, em relação, e através de (re)negociações.

Este pensamento rizomático acontece porque durante a colonização, o sujeito trazido para escravização chega à América vazio de sua cultura e de um lugar. Esse sujeito denominado por Glissant como “migrante nu”, entre os povos que povoaram o território

das Américas, precisa se reestabelecer culturalmente, e fará isso por meio de rastros/resíduos.

Assim, a memória é o elemento que terá relevante projeção para o desenvolvimento das análises a serem realizadas, já que o romance em questão, ao narrar a história de luta pela emancipação de um bairro suburbano nos manguezais de Fort-de-France, principal cidade da Martinica, se dispõe nas rememorações das lembranças de Marie-Sophie Laborieux: mulher, negra, filha de ex-escravizado que encabeça uma verdadeira batalha para a não destruição do seu lugar.

Na memória, os apagamentos feitos através do tempo pelo sistema colonialista ainda serão uma marca da identidade cultural martiniquense, mas desta vez a voz que estava sufocada terá, através da literatura, direito de se expressar. O romance, de caráter polifônico, multiplica os “rastros/resíduos” dessa cultura dentro das possibilidades de expressão e de pluralização que é a literatura.

Para pensar as ideias presentes nestas análises evocamos a Crioulidade antilhana, proclamada pela primeira vez em 1989 em um manifesto com teor artístico, assinado pelos escritores Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphael Confiant. A crioulidade intenta atingir todas as nuances da criação cultural e social antilhana, revelando sua envergadura política e econômica, que se solidariza primeiramente com a união dos povos do arquipélago caribenho, para em seguida se lançar ao estreitamento das relações com o contexto continental latino-americano.

Nesse sentido, a Crioulidade reivindica a atualização, a reprodução e a valorização da identidade cultural antilhana. E o lugar de onde partem as primeiras articulações dessas ideias é o da produção de uma estética literária crioula. Pelo engajamento literário uma nova perspectiva e um caminho consciente da realidade local deve ser traçado. Para superar as assimilações e transcender a busca pelo Outro, a literatura antilhana terá no traço crioulo o seu modo de expressão fundamental e se organizará através de cinco exigências transitórias, são elas: O enraizamento no oral; a atualização da memória verdadeira; a temática da existência; a irrupção na modernidade e a escolha da sua palavra.

2. Rastros/resíduos da memória e da oralidade para um debate crioulo

Dos tantos elementos que entrecruzam o pensamento da Crioulidade antilhana é a palavra que trataremos agora, justo porque é na palavra que toda a vivência do pensamento crioulo se desdobra em *Texaco*, não apenas aquela a que os demais leitores tiveram acesso – impressa no papel –, mas também àquela que, em sustentação aos modos como se configuram as narrativas de Patrick Chamoiseau, faz desta obra um tratado sobre a oralidade.

A valorização da expressão oral é uma característica definitiva da escrita de Patrick Chamoiseau. Já em 1988, quatro anos antes do lançamento de *Texaco* (1993), o romance *Solibo Magnifique* (1990) apresenta uma narrativa completamente permeada pela oralidade dos contos martiniquenses, o que se manterá como constante em toda a sua obra.

Tal oralidade, que transita principalmente entre o Francês e o Crioulo falado na ilha, evidencia a relação traçada entre as duas línguas, destacando suas possibilidades de diálogo. Ela encontra, por exemplo, em narrativas feitas por figuras do cotidiano da cidade – personagens como o contador de histórias das praças públicas, a velha negra dos bairros periféricos e o curandeiro que conhece as ervas e os morros – uma maneira de evidenciar as vozes e os espaços que compõem a história e a identidade do povo martiniquense, construindo de forma poética uma leitura da cultura e da história da Martinica, diferente daquelas escritas pelas narrativas históricas hegemônicas.

Nesse sentido, a literatura realiza o trabalho de preservar na escrita as peculiaridades da narrativa oral. É desta luta perseverante que *Texaco* (1993) se faz naquilo que escritor Roland Walter, no livro *Afroamérica* (2009) aponta como “um manifesto criativo contra o esquecimento da história e a favor da narração oral. Sendo uma tapeçaria mnemônica tecida de múltiplas vozes” (WALTER, 2009, p. 86).

Em entrevista a Magdala França Vianna, Chamoiseau discorre sobre a importância do uso da oralidade nos combates contra o apagamento da cultura martiniquense e afirma: “L’oraliture c’est pas seulement un outil de résistance ou de combat, c’est, accessoirement,

un outil de résistance et de combat!” (VIANNA, 2006, p. 584), ou seja, a oralidade se faz não somente como ferramenta, ela é, um instrumento de combate ao apagamento das identidades dos povos que formam a cultura da Martinica. Por isso a sua insistência em não perdê-la, por isso a busca incessante pelos lugares onde a oralidade ainda se encontra e por isso a escrita de obras como *Texaco* (1993), *Solibo Magnifique* (1988), *Antan d'enfance* (1990), entre outros.

É, portanto, em busca das qualidades da narrativa oral que Chamoiseau olha para os contadores de histórias, na tentativa de encontrar dentro das estruturas de suas performances, nos lapsos de suas memórias, nos ocultamentos de seus discursos, nas falhas previstas durante a narração de seus contos uma forma de expressar a literatura com a qual ele se identifique e identifique uma forma de contar a cultura e a história do povo martiniquense.

Assim, a valorização da força da oralidade em *Texaco* (1993) nos direciona ao estudo de sua relação com os usos da memória, haja vista o fato de que o lugar de onde emergem as histórias contadas por Marie Sophie Laborieux, personagem central e narradora do romance *Texaco*, sejam as reminiscências e lembranças de seu passado e do passado de sua família.

Sobre o espaço-tempo nas narrativas modernas, Santos e Oliveira (2001) afirmam:

Nas narrativas modernas, acentua-se a problematização da categoria espacial. Muitas vezes as personagens existem em um universo que é constantemente rearranjado pela memória [...]. A memória produz uma multiplicidade de pontos de vista sobre o espaço (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 83)

Portanto, esta análise, que visa desenvolver uma leitura da identidade cultural do povo martiniquense no romance *Texaco* (1993), tem como um de seus pontos de partida a memória e sua importância enquanto elemento fundamental da resistência e da continuação

¹ A oralidade não é apenas uma ferramenta de resistência ou de luta é, aliás, um instrumento de resistência e de luta. (Tradução nossa)

do pensamento crioulo, pois, ao prevê as identidades em negociação, em processo, em deslocamento a criouldade desenvolve nas dilatações da memória os meios pelos quais pode perseverar e ser, ainda que de forma dolorosa, uma alternativa de reconstruir identidades de sujeitos que tiveram seus direitos à liberdade aviltados pelas mais perversas formas de insubordinação dentro do contexto colonial.

Em *Memória e História* (10997), Jacques Le Goff toca em um ponto fundamental quando fala acerca da importância da memória para as relações sociais humanas. O autor faz um apanhado dos estudos de autores como Pierre Janet e Henri Atlan, que acreditam serem imprescindíveis aos usos da memória os atos de linguagem, pois a capacidade primeira de se expressar oralmente e depois passar o que se diz à documentação escrita exige constantes trabalhos e reelaborações destes elementos mnemônicos que se busca preservar.

Nesse sentido, a memória não cessa de se elaborar: as novas significações estruturadas acontecem por meio de rituais em que as lembranças do passado são sempre reconstruídas. Com a leitura dos psicanalistas, Le Goff chega à conclusão que os trabalhos feitos pelos que se encontram no poder público sempre foram, tanto de maneira individual como coletiva, com o intuito de controlar, podar e decidir as lembranças e os esquecimentos, a fim de obter o controle dos relatos e das situações históricas.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1997, p. 13)

É possível entender que as formas de opressão sempre existiram, também, para transformar em história aquilo que mantém os interesses dos que estão no poder. E este é um ponto crucial, porque podemos pensar o quão seletivo e distante do que foi vivido podemos estar ao saber apenas o ponto de vista do que é interessante para sujeitos que se importam muito mais com a ocupação de bons cargos públicos, do que com o bem estar comum.

Ora, se no momento em que se discute a conscientização destes aspectos e se busca um pensamento que possa dizer além do que foi relatado pela classe dominante sobre a formação histórica, social, cultural, a literatura não tiver um papel crucial, dificilmente encontraremos melhores condições de esclarecer o ponto de vista daqueles que também contribuíram para os processos de formação de suas sociedades, mas que tiveram seus nomes – e para além disto – suas lutas subjogadas e apagadas de toda esta história, haja vista as contribuições e os diálogos existentes entre literatura e a formação sociocultural dos mais diversos estados e nações.

Sobre a relevância da literatura na reconstrução de uma identidade própria de sujeitos que tiveram as marcas da colonização como uma constante em suas formações, Roland Walter afirma que é nela,

Enquanto espaço mnemônico que os autores negros recriam os mitos necessários para se enraizar como sujeitos autóctones. A reapropriação do espaço via memória, portanto, possibilita a colocação do afrodescendente na sua própria história. A renomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir sua identidade, tomar posse da sua cultura; significa, em última análise, resistir a uma *violência epistêmica* que continua até o presente. (WALTER, 2009, p. 63)

Não por outros motivos é que a literatura em países como o Brasil, Angola, Cabo Verde, Martinica – que tiveram no seio de suas formações culturais as marcas da colonização e a força da opressão em seu povo, e cujo engajamento entre a política e a história das sociedades é sempre perceptível – estão voltadas para os problemas que abrangem todo o processo da formação social desses países.

A literatura angolana, para efeito de ilustração, é impregnada pelas lembranças do que foi durante as lutas pela libertação de Angola o regime colonialista português. Podemos dizer, por exemplo, sobre romance *A Geração da Utopia* (1992), do escritor Pepetela, que narra a história de uma geração de angolanos estudantes em Portugal, cujo sonho maior é a independência de seu país e partem, muitos até mesmo abandonando seus estudos, para a luta armada no interior de Angola.

A casa dos Estudantes do Império de que fala o romance ilustra o cenário não ficcional onde os estudantes que haviam saído de Angola, mas ainda assim pensavam o seu lugar de origem, discutiam e entendiam a situação histórica e política em que se configurava Angola e os demais países que ainda eram colônia do regime português. Obviamente estamos falando de ficção, mas ao mesmo tempo um resgate histórico é feito e mostra as dimensões de histórias que permeiam todo o real e o imaginário da sociedade angolana.

Inocência Mata, em *Ficção e História na Literatura Angolana* (2012), abordando justamente o caso de Pepetela, faz a seguinte proposição sobre a relação entre história, ficção e literatura em Angola e o espaço de engajamento da formação cultural e social do país:

A relação História/Ficção, sendo uma constante nas literaturas que emergem de situações conflituais de uma autonomização (política, cultural, social), é, na literatura angolana, singular. Essa singularidade deve-se tanto ao facto de a instituição literária constituir, na sociedade angolana, um saber com estatuto que conjuga com o poder na validação de instituições que regulam o “vínculo social”, como pelo resgate, através da memória individual, de um passado vivenciado e ainda pela exposição das contradições desse passado histórico. (MATA, 2012, p. 52)

Concordando com a autora, acreditamos mesmo que esta manifestação seja bastante clara em Angola, mas propomos um alargamento desta visão para outros lugares, no caso deste trabalho, a Martinica. A ideia de Inocência Mata em dizer da contribuição da literatura para a constituição social através da validação de um “vínculo social” e através dos usos da memória individual é também uma característica do que faz Patrick Chamoiseau em relação à Martinica, sobretudo quando se pode pensar que as duas sociedades têm como característica serem sociedades de memória oral. Em conjunturas diferentes, é claro, mas ainda assim muito próxima do que a autora afirma ser singular à conjuntura angolana. Sendo desta forma a memória individual fator relevante para a constituição e compreensão do coletivo.

Dada a relação entre o modo de contar histórias nas Antilhas e na África, em uma análise sobre o modo de narrar o conto antilhano de Saint-John Perse, Edouard Glissant nos mostra uma leitura deste diálogo entre os lugares, que nos fazem entender que: muito

além de uma simples declamação “o conto antilhano, ao conservar traços da África originária, envolve em ecos as vagas desse país de antes e, recusando a sonolência da palavra transparente, dá a pensar o país real, este país de aqui, de que fala.” (GLISSANT, 2011, p. 45).

A oralidade então se faz plural por não estar encerrada em si mesma, ela vai além e se processa nas mais variadas formas de entender o espaço, o aqui; e projeta para o futuro as possibilidades de seus lugares e da própria memória que lhe dá suporte. Oralidade e memória serão a base de uma luta pela resistência daqueles que contarão sua história e traçarão um novo panorama para o entendimento de suas identidades.

Assim sendo, buscar na memória as formas de repensar um passado de abusos é encontrar caminhos para que não se perca a consciência daquilo que forma a cultura, o povo e a história de um determinado lugar. É uma forma de resistir aos métodos de opressão, porque é o silenciamento dessa violência que a torna ainda mais prejudicial, e não a possibilidade de falar sobre ela. Como assinala Eurídice Figueiredo acerca da escrita da escravidão em Chamoiseau:

Re-contar literariamente esta história sobredeterminada pela escravidão é criar ficções que deem conta de um certo ambiente, forçosamente imaginário, através da utilização de diferentes formas de arquivos a fim de reconstituir a memória cultural do país. (FIGUEIREDO, 2008, p. 24)

Poder ouvir falar, sentir e reviver este passado é contribuir para que ele não se perpetue de forma negativa no presente, porque tudo isso, de fato, não pode ser esquecido, sobretudo quando se pensa na quantidade de homens e mulheres mortas através de processos de exploração que inferiorizam e discriminam pessoas, tomando como base critérios dos mais arbitrários. Quando falamos em critérios arbitrários estamos mesmo nos referindo a situações de discriminação em que as pessoas são segregadas por pertencerem a classes sociais diferentes daquelas dominantes, ou quando têm ideais religiosos diferentes, ou ainda por sua cor da pele.

Poder expressar com liberdade o que durante séculos se tentou ocultar com falsas ideias de desejo de progresso do mundo faz com que o povo, que também é dono desta história, a sinta como sua. E a literatura é um espaço onde este progresso histórico acontece.

Pensando sobre a memória e sua relação com a oralidade nas Antilhas, partamos para seguinte indagação: como a cultura martiniquense vista em processos de relação entre memória e oralidade se dispõe e se expressa no romance *Texaco* (1993)? De que forma a luta de um bairro implode e explode os valores para a cidade?

Uma vez que entendemos ser a cultura antilhana, e no caso restrito do nosso estudo, a cultura martiniquense, permeada pela oralidade, falaremos, portanto, sobre alguns aspectos que caracterizam as culturas que mantêm na oralidade o modo de reviver suas memórias e também sobre aquelas que trouxeram para a escrita seus meios de mantê-la, já que *Texaco* (1993) se configura como um romance que proporciona um movimento dialético entre o oral e o escrito.

Le Goff (1997) usa o termo “memória étnica” para diferenciar o modo de lidar com a memória coletiva desenvolvido pelas sociedades que não depositam na escrita os traços e as histórias de sua cultura. O autor esclarece que, mantida de maneira diferente do que se pensa sobre os processos de seu agrupamento dentro das sociedades sem escrita, a “memória étnica” estabelece maior ligação com os processos narrativos do que com a reprodução fiel de todos os termos da história a cada vez que é (re)contada. Ou seja, interessa muito mais o que se conta de modo abrangente, que os seus detalhes. Assim, exercícios de memorização não são comuns nessas sociedades, pois a reprodução automática das palavras não se faz necessária. O que existe em sua memória coletiva é uma vontade compartilhada dos grupos em manter vivo algo em comum que está presente entre todos que deles fazem parte.

Constata-se raramente a existência de procedimentos memnotécnicos nestas sociedades [...]. a memória coletiva parece, portanto, fun-

cionar nestas sociedades segundo uma <<reconstrução generativa>> e não segundo uma memorização mecânica. (LE GOFF, 1997, p. 15)

O caráter generativo é uma das mais interessantes atribuições dadas à memória coletiva das sociedades sem escrita, porque é justamente a possibilidade de (re)criar e dar continuidade através de processos de reelaboração que trazem a memória para as discussões em torno da formação cultural e identitária de diversas sociedades. Sociedades que através do vínculo entre memória e oralidade elaboram suas histórias e dão um caráter específico à suas culturas. Com liberdade de se refazer, a memória coletiva se torna um depósito das estruturas culturais que representarão toda uma comunidade, interpondo elementos diversos em lugares diversos. É o não acabamento vivido pela capacidade de se recriar que proporciona renegociações do presente com o passado.

Pierre Nora (1981) também fala deste não acabamento da memória quando afirma que as lembranças e os esquecimentos dão a ela (à memória) um caráter pulsante, de vida, de crescimento incessante. Falando também sobre o esquecimento e a sua importância entre os elementos que fazem parte da construção de uma memória, o autor nos faz lembrar que não somente aquilo a que ainda se tem acesso é importante para a construção e permanência dos elementos que formam determinada memória, mas também os apagamentos ao longo do tempo são parte deste construto, pois, não só o que é remorado interessa para que se entenda este percurso de formação, aquilo que se esquece também é parte dos resultados.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (NORA, 1981, p. 9)

Jacques Le Goff (1997) argumenta ser a “profunda transformação da memória coletiva” uma das razões pelas quais se dá o surgimento da escrita; e “a escrita permite à

memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória”. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo, de um acontecimento memorável e a outra é um documento especialmente destinado à escrita (GOFF, 1997, p. 16). O homem então encontra novas formas de celebrar a sua cultura e transmiti-la de forma diferente quando este processo de passagem da memória coletiva para a escrita, antes apenas exercida pela oralidade. O caráter documental e histórico que só cabia à memória se faz então de maneira documental registrada.

Outro ponto relevante no tocante ao estudo da memória está quando a observamos ao lado do esquecimento. Muito embora este seja pensado como o oposto da memória, os dois existem simultaneamente e há uma relação muito maior que se faz na formação de determinada memória entre os apagamentos acontecidos e as lembranças que se mantêm vivas. Paul Ricoeur em *Memória, História e Esquecimento* (2007) afirma:

De início e maciçamente, é como dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento[...] E nosso famoso dever de memória enuncia-se como uma exortação a não esquecer. Porém, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria (RICOEUR, 2007, p. 424).

Neste sentido e de modo a preservar em condições saudáveis o trabalho mental, a memória que ainda é exercida tem em sua formação uma série de lembranças que se elaboram junto a apagamentos. Sim, porque o esquecimento se faz imprescindível à memória.

Henri Bergson (1999), fala sobre o caráter de atualizar o passado desenvolvido pelos usos da memória, pois “se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente”. (BERGSON, 1999, p. 89) Acerca das múltiplas temporalidades que perpassam a memória o autor diz:

Por mais breve que se suponha uma percepção, com efeito, ela ocupa sempre uma certa duração, e exige consequentemente um esforço da memória, que prolonga, uns nos outros, uma multiplicidade

de momentos. Mesmo a ‘subjatividade’ das qualidades sensíveis [...] consiste, sobretudo, em uma espécie de contração do real, operada por nossa memória. Em suma, a memória sob essas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas. (BERGSON, 1999, p. 31)

Ao operar essa “multiplicidade de momentos” as lembranças se tornam vida e podem ser negociadas para o presente, possibilitando ao sujeito a percepção de si e de espaço.

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, a sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como essa não para de crescer, acabará por cobrir e submergir a outra. (BERGSON, 1999, p. 69)

As narrativas criadas por escritores nos países cuja diáspora negra africana é parte do processo da formação identitária estão sempre impregnadas por discursos elaborados através da memória. As “imagens” do passado se encontram com as vivências do presente e transformam a história do lugar.

Buscaremos no próximo tópico perceber de que modo, a partir das práticas mnemônicas, se dispõe a identidade cultural martiniquense na narrativa de *Texaco* (1993).

Lugar de memória: a imposição do bairro *Texaco* através da palavra

Acabar com *Texaco*, conforme me pediam, equivaleria a amputar a cidade de uma parte de seu futuro, e, sobretudo, dessa riqueza insubstituível que continua a ser a memória. A cidade crioula, que possui tão poucos monumentos, torna-se monumento pela atenção dada a seus lugares de memória. O monumento, ali como em toda a América, não se erige monumental: irradia.”

Nota do urbanista ao Marcador de Palavras. Pasta nº 30. Folha XXXIII. 1987. Biblioteca Schoelcher (CHAMOISEAU, 1993, p. 298)

A citação acima, de uma das notas do urbanista Cristo ao Marcador de Palavras, ilumina as ideias a serem desenvolvidas nas análises a seguir e esclarece a importância do pensamento sobre a memória para este trabalho. Duas constatações podem ser retiradas do texto e substanciam o que nos propomos a pensar: (I) A memória é uma riqueza que continua a ser insubstituível. (II) O monumento de memória, ou seja, o lugar dessa memória não cresce monumental, em vez disso ele irradia.

Em *Poética da Relação* (2011), Édouard Glissant afirma que “um dos lugares da memória antilhense foi o círculo traçado pelas sombras da noite à volta do contador de histórias.” (GLISSANT, 2011, p. 44). Pierre propõe que seja com a existência simultânea do material, do funcional e do simbólico que um determinado lugar pode ser entendido como um lugar de memória; e o que os “constitui é um jogo de memórias e história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre-determinação recíproca, inicialmente é preciso ter vontade de memória.” (NORA, 1981, p. 22).

Analisando *Texaco* (1993) observamos que na identidade cultural martiniquense os fragmentos reestruturados pela memória em sua narrativa ilustram as buscas que o sujeito colonizado tem para encontrar o Eu fraturado na história da escravização negra, para assim reelaborá-la de modo a suprir os apagamentos das violências da colonização. É para esta reestruturação e para a constituição de um Eu independente e livre de amarras que se estabelece o vínculo com a memória, com a oralidade e com a escrita. Os três elementos em interação tornam acessíveis os lugares para os quais se direcionam as buscas de uma identidade que se pretende em processos de criouliização. Na memória, o colonizado encontra os meios pelos quais pode se desalienar das amarras do colonizador e das resultantes da violência, que é uma marca de sua identidade.

Em *Texaco* (1993), Marie-Sophie na qualidade de porta-voz dos moradores do bairro em vias de ser demolido pela prefeitura, propõe uma viagem pelas suas memórias e pelas

memórias de seus antepassados para a compreensão do espaço coletivo do qual deriva o bairro Texaco e a Cidade. Através de seu discurso todos serão representados.

Para compreender Texaco e o entusiasmo de nossos pais pela Cidade, teremos de ir bem longe na linhagem de minha própria família, pois minha compreensão da memória coletiva é apenas a minha própria memória. E esta, hoje, só é fiel e exercitada pela história de minhas velhas carnes (...) Vamos pegar primeiro o fundo de minha memória, com a vinda de meu papai ao mundo. (CHAMOISEAU, 1993, p. 39-40)

Gostaríamos de pensar, portanto, na palavra crioula que irradia do bairro Texaco, enunciada por Marie-Sophie, como primeiro lugar de memória da narrativa. Esse símbolo de força usado pela personagem para reestruturar sua identidade e a identidade coletiva de sua comunidade contribui nas lutas por resistência às assimilações impiedosas da cultura da Metrópole².

É com a memória expressa através da palavra que a líder comunitária reivindicará o direito de pertença ao bairro Texaco; as lembranças revividas nas memórias consistem na busca pela emancipação deste lugar onde ela se identifica, onde pode se dizer enquanto sujeito e pode criar seus próprios discursos e suas lutas.

Ao final da Anunciação – primeira parte da narrativa, onde são contados os vários pontos de vista dos moradores da comunidade a respeito da chegada de Cristo à comunidade Texaco – a Informante, Marie-Sophie, reconhece que será ela que irá, através de seu discurso, de sua palavra – entenda-se, era o único instrumento que lhe restava para aquela batalha – convencê-lo a não desapossá-los deste lugar que se tornara o último refúgio para todos os que ali moravam.

Ao me deparar com Cristo (a idade avançada aumenta o alcance do olhar), tive a sensação de que ele era um dos cavaleiros do nosso apocalipse, o anjo destruidor da prefeitura modernista. (CHAMOISEAU, 1993, p. 33)

— De que serve visitar o que se vai demolir?

² Glissant (2005) aponta a assimilação da cultura francesa como segundo aspecto negativo da crioulação vivenciada na Martinica.

Ele nada encontrou para dizer e dedicou-se a esvaziar o copo. Então, respirei fundo: de repente, compreendi que era eu, em volta daquela mesa e de um pobre rum envelhecido tendo como única arma a persuasão de minha palavra, que deveria travar sozinha – na minha idade – a decisiva batalha pela sobrevivência de Texaco. (CHAMOISEAU, 1993, p. 34)

Percebe-se a existência desse lugar estabelecido pela narradora onde a memória tomará vida novamente. O círculo “em volta da mesa e do pobre rum envelhecidos” será o lugar de conexão com a ancestralidade. Estarão ela e o seu ouvinte, e a palavra irradiará envolta em uma aura, iluminada pelas lembranças e os esquecimentos de todo um passado de lutas. Neste círculo criado, Sophie lembrará histórias do passado de Fort-de-France, da Martinica e de Texaco.

Nos “pedaços” (Glissant, 2011) da narrativa do romance *Texaco* encontram-se fragmentos das anotações dos velhos cadernos que Marie-Sophie confiara ao Marcador de Palavras – neles, a narradora já dava os seus primeiros passos para a documentação da história de todo esse construto histórico e social que abrange suas narrativas – os quais Oiseau de Cham uniu ao Sermão criado a partir dos depoimentos que recebera durante suas conversas com a Informante. Nas memórias escritas sobre sua vida e a vida de seus ancestrais Sophie teve o cuidado de redigir as palavras do Preto Velho da Doum, as histórias de seu pai Esternome e os fragmentos da memória de sua mãe Idoménée.

Nesse “pedaço” intitulado “Devaneios de Idoménée” percebemos o diálogo entre as memórias narradas por Sophie ao Marcador de Palavras e as anotações de seus cadernos:

No Sermão:

Meu Esternome, apesar da trágica memória, pôde ainda assim, me sugerir suas palavras, pois a presença de Idoménée impregnou-o profundamente. Ela foi a memória de sua idade sem memória. O que ele sabia de Saint-Pierre completava o que ela dizia de Fort-de-France [...] No calor que os imobilizava, e com Idoménée sonhadora deitada em seus braços, trocavam esses punhados de palavras, a meia voz, aos cochichos, a fim de não transpirem. Palavras já batidas mas que, de mês em mês enriqueciam-se com nuances. (CHAMOISEAU, 1993, p. 158)

Nos Devaneios de Idoménée:

Dizem: Nos morros ao redor, colocaram os regimentos. Espremido naquela bacia, o inimigo cairia sob o dilúvio do inferno. Cada morro, um regimento: Desaix, Tartenson, Redoute, Balata... Cada regimento, uma casa. Dez casas, um Bairro. Portanto, cada regimento construía um Bairro.

São isso as memória, ponderava meu Esternome.

É o Exército, dizia ela.

Caderno número 9 de Marie-Sophie Laborieux. 1965. Biblioteca Schoelcher (CHAMOISEAU, 1993, p. 159)

O Marcador de Palavras, Oiseau de Cham³, ao ouvir as histórias da memória individual e coletiva de Marie-Sophie sobre a construção e a emancipação da comunidade *Texaco*, revela em sua narradora o papel desses sujeitos que contam as memórias, sujeitos sobre os quais se refere Glissant quando fala sobre a memória antilhana.

Portanto, nos discurso de Marie-Sophie a palavra irradiará e transformará o “lugar mágico” que é o bairro *Texaco*. Em suas histórias a respeito da memória coletiva daquele lugar serão fundados novos monumentos que darão à Fort-de-France contornos culturais diferentes, uma vez que o discurso narrado a Oiseau de Cham é o mesmo usado para convencer Cristo a não demolir *Texaco*. As conquistas feitas pelas narrativas dessa memória fragmentada serão motivo para a felicidade daqueles que lutaram pela liberdade das diferenças e conseguiram se manter em *Texaco*.

Pedi-lhe um favor, Oiseau de Cham, favor que eu gostaria que você anotasse e lhe lembrasse: que jamais em tempo algum, nos séculos e nos séculos, não se tire desse lugar o nome de *TEXACO*, em nome de meu Esternome, em nome de nossos sofrimentos, em nome de nossos combates, segundo a lei intangível de nossas mais elevadas memórias e essa, bem mais íntima, de meu querido nome secreto que – confesso-lhe finalmente – não é outro senão este. (CHAMOISEAU, 1993, p. 337)

³ No romance, a personagem Oiseau de Cham é responsável por recolher os depoimentos da narradora Marie-Sophie Laborieux. Oiseau de Cham se autodenomina Marcador de Palavras, sustentando a ideia de que sua função não se caracteriza como a de um escritor (formal e engessado). Para além disso, ele é responsável por documentar a palavra falada, um trabalho mais complicado e diferente do que exerce o escritor universal.

Sobre a relação entre os lugares e meios de memória, Pierre Nora propõe que “há locais de memória porque não há mais meios de memória” (Nora, 1981, p. 7). O crítico salienta que a necessidade de monumentos para os quais possamos nos voltar e praticar nossas lembranças: museus, cemitérios, obras de arte, livros, é mais uma prova de que as práticas no presente, cada dia mais conturbado pelas exigências de nossas duras sociedades, não abarcam as memórias do passado e as perde definitivamente. Daí a necessidade dessas construções, para que elas possam proporcionar o retorno necessário ao que possivelmente poderia ficar perdido nas dificuldades que abrangem os usos da memória.

Acerca do pensamento de Pierre Nora, numa perspectiva crítica que revela questões relevantes a respeito da relação entre memória, história e literatura, Walter (2010) afirma:

As reverberações entre literatura e memória não são tão simples; ou seja, mesmo em tempos de lieux de mémoire a literatura faz mais do que lamentar. A literatura não somente desafia ou sustenta dimensões sociais de memória ao preservar ou subverter significações culturais. Ela também, e principalmente, deve ser considerada uma forma específica de memória cultural: um complexo lugar de memória com suas próprias formas e estratégias de observação e escrita baseadas em memórias mais antigas e as diversas representações delas. (WALTER, 2010, p. 2)

Gostaríamos, portanto, de definir o romance *Texaco* como um lugar da “memória cultural” da Martinica. Ao problematizar a história da ilha nas narrativas da vida de Marie-Sophie Laborieux, Patrick Chamoiseau dialoga com o contexto histórico do lugar, trazendo propostas diferentes para pensar a cultura martiniquense. Não por acaso, a epígrafe da última parte do texto, Ressurreição, contém uma citação de Glissant acerca da memória histórica antilhana. Na referida citação, Glissant propõe o “vasculhamento” da memória das Antilhas pelo escritor, uma vez que “com demasiada frequência ela foi rasurada”.

Pensemos neste ponto que a sugestão de Glissant é feita ao escritor, não ao historiador, ou as autoridades do país que tomam para si as responsabilidades de lidar com a História, mas sempre negligenciam a situação dos povos que foram inferiorizados durante os longos anos de escravização.

Na Ressurreição, o escritor crioulo, entra definitivamente na narrativa e elabora um discurso saudosista, lembrando os passos que foram necessários para ele, Marcador de Palavras, caminhar até a escrita de *Texaco*, cujo surgimento se dá em uma de suas buscas para entender melhor a morte de um velho contador de histórias, *Solibo*. Saindo do território do Mentô, a Doum, se depara com *Texaco* e reconhece imediatamente a força que emana do lugar. Ao sentir a paisagem de *Texaco*, o Marcador de Palavras reconhece a necessidade de ouvi-la e saber de suas histórias.

Saindo da Doum, senti *Texaco*. Aquele amontoado de fibrocimento e concreto desenvolvia vibrações bastante nítidas. Vinham de longe, do concerto de nossas histórias. Aquele lugar me intrigou. Tornou-se fascinante quando me apresentaram aquela que ia se tornar a minha informante: uma velha negra cabra, muito alta, muito magra, com um rosto grave, solene, e os olhos imóveis. Jamais eu havia percebido tanta autoridade profunda irradiar de alguém. (CHAMOISEAU, 1993, p. 342)

O espaço da literatura reescrevendo as histórias das identidades desestruturadas pelo sistema de colonização reabilita os sujeitos afrodescendentes nessa cultura que sempre o quis à margem. “A literatura enquanto espaço mnemônico” (WALTER, 2009, p. 63) possibilita um novo diálogo desses sujeitos colonizados, com suas histórias “rasuradas”. Reescrevê-la a partir de sua própria perspectiva e não mais da perspectiva do Outro.

ORALITE ET RESISTANCE: LA LITTÉRATURE COMME UN LIEU DE « MEMOIRE CULTURELLE » DANS LE TEXACO ROMANTIQUE

RÉSUMÉ : Le présent travail est structuré a travers d'une analyse de le roman *Texaco* de l'écrivain Patrick Chamoiseau. On pense à travers le recouvrement entre la mémoire, l'oralité et le territoire comme l'identité culturelle de la Martinique est disposée et exprimée dans *Texaco*. Etant que La Martinique est un pays qui a connu la colonisation européenne et a eu l'esclavage de l'Afrique noir dans son contexte culturel, se trouve dans le présent travail la lecture sur la problématique imaginaire e conflictuelle de la dure l'esclavage colonial .

MOTS-CLÉS: Culture. Martinique. Mémoire. *Texaco*

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Solibo Magnifique*. Paris: Gallimard, 1988.
- _____. *Une enfance créole I: Antan d'enfance*. Paris: Gallimard, 1990.
- CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël. Elogio de la Crioulidad. In: BEIRA, Dyhorrani da Silva. *Éloge de la créolité: para uma tradução crioula*. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 189f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.
- FIGUEIREDO, Eurídice. A reescrita da escravidão em Patrick Chamoiseau In: *Revista Brasileira do Caribe*, Vol. IX, Num. 17, Jul-Dez, 2008, p. 13-34.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- _____. *Poética da Relação*. Lisboa: Sextante, 2011.
- LE GOFF, Jacques. Memória In: *Enciclopédia Eneida*. Vol 1 Memória-História. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.
- MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981, p. 8-28.
- RICOEUR, Paul. Esquecimento. In: *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- VIANNA, Magdala França. Entrevista com Patrick Chamoiseau. In: *Revista Brasileira do Caribe*. Goiânia, Vol. VI, nº12. Jan-Jan 2006, p. 577-589.
- WALTER, Roland. *Afro-américa: diálogos literários na diáspora negra nas Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

Recebido em: 09/09/2018.

Aprovado em: 05/01/2019.